



CARTA ANUAL DO SUPERIOR GERAL
AOS MEMBROS DA PIA SOCIEDADE DE SÃO PAULO

A POBREZA

Caminho de liberdade, fraternidade e serviço

Caríssimos irmãos,

a pobreza¹ é o tema sobre o qual lhes proponho refletir este ano. Além de ser um dos três votos que caracterizam a vida consagrada, é também uma das “quatro rodas” do “carro paulino”. Isto significa que para o Paulino a pobreza é um dos fundamentos da sua vida, juntamente com a piedade, o estudo e o apostolado.

Na Carta anual sobre o apostolado² havíamos feito referência ao Paulino como “homem de comunicação”, isto é, uma pessoa chamada não só a evangelizar com todas as linguagens da comunicação analógica e digital, mas também a ser ele mesmo homem que procura viver uma verdadeira comunicação (comunhão!) com Deus, com os outros e consigo mesmo, de maneira a dar a sua contribuição na construção de uma “cultura do encontro”.

Esta pessoa, da qual depende em grande medida o desenvolvimento do apostolado, é também o sujeito chamado a viver a pobreza e a assumi-la no contexto da sua missão, isto é, no meio da riqueza de possibilidades que oferece hoje a cultura da comunicação, como adverte nosso Fundador: «*O instituto deve ser pobre e rico ao mesmo tempo. Pobre, pela nossa observância individual da pobreza, rico pelos meios de apostolado*»³.

A presente Carta anual – precedida pelas Cartas sobre a santidade, o estudo e o apostolado – quer oferecer alguns pontos de reflexão sobre a pobreza em perspectiva paulina. Inicialmente faz algumas considerações a respeito da pobreza como proposta àqueles que desejam entrar no seguimento de Jesus e, especialmente, para aqueles que pertencem à vida consagrada. Apresenta, a seguir, alguns aspectos da pobreza vivida, antes de tudo, pelo próprio Jesus e, posteriormente, pelo seu discípulo Paulo, frisando três realidades concretas nas quais o Apóstolo a vivenciou e que para nós Paulinos são referências importantes: a vida de comunhão, o trabalho e a solidariedade com os pobres. No final, a Carta acena brevemente à oração do *Segredo de êxito* ou *Pacto*, que, tendo como pano de fundo a pobreza, expressa nossa confiança em Jesus Mestre, atitude imprescindível para enfrentar os desafios da nossa missão na cultura da comunicação.

¹ [Nas notas a tradução da bibliografia limita-se às obras publicadas em Português]. Há duas Cartas já escritas sobre a pobreza por dois Superiores gerais: Pe. Raffaele Tonni, *La povertà di Cristo è la nostra ricchezza*, in *San Paolo* n. 5, Dicembre 1976; Pe. Renato Perino, *Lettera del Superiore Generale per l'anno 1986-1987: "Lo spirito di povertà e di amore. Gloria e segno della Chiesa di Cristo"*, in *Documenti dei successori di Don Alberione. Vol 2*, pp. 101-127. (reperibile sul web: www.paulus.net/doc/archivistorico/successori_2.pdf).

² Cfr. *Lettera annuale del Superiore generale. Apostoli comunicatori. Per una cultura dell'incontro*, San Paolo n. 452, Settembre 2018, pp. 54-75.

³ Giacomo Alberione, *Vademecum*, n. 446.

I. Uma proposta válida para todos os cristãos

A pobreza é um dos aspectos que caracterizam a vida paulina. Antes, porém, de ser um valor particular, é um convite dirigido a todos os cristãos, isto é, a todos os batizados, que se põem no seguimento de Jesus. Quando Jesus, no Evangelho de Mateus, (cfr. Mt 19,16-26) pede ao jovem para deixar tudo, não estava falando a um religioso, mas a uma pessoa rica, apegada aos seus bens.

É oportuno considerar que *«para o Evangelho a pobreza não é um conselho, mas uma escolha fundamental para todos os que creem. A forma ‘profética’ da pobreza é um conselho; mas a pobreza como estilo de vida é condição mínima para os que creem: “Vá, vende os seus bens e doe aos pobres” é a proposta para se tornar cristãos (cfr Mt 19,21). Enquanto permanece homem rico, isto é, põe como fundamento da própria vida o possuir, é um ateu. Enquanto não escolher Deus como fundamento da própria vida, não pode se salvar. Esta é uma condição religiosa essencial, não um conselho. É o fundamento do seguimento»*⁴.

Se a pobreza é um convite dirigido a todos os cristãos, o que então ela significa para nós, que a abraçamos como um “conselho” e como uma das dimensões essenciais da vida paulina? Em que consiste, no nosso âmbito comunitário e apostólico, o viver de maneira pobre? Antes de buscar uma resposta, lembramos que o Concílio Vaticano II, referindo-se aos membros da vida consagrada, assim se manifestou: *«A pobreza seja cultivada diligentemente pelos religiosos e, se for necessário, encontrem-se formas novas para expressá-la»*⁵. Nesta afirmação há algo de familiar para nós, porque, certamente, uma das formas novas para expressar a pobreza é a vivida no contexto da vida paulina, isto é, como consagrados chamados a evangelizar no âmbito da comunicação.

Antes do Concílio, Padre Alberione havia já sintetizado assim seu ensinamento sobre a pobreza paulina, durante o curso extraordinário de exercícios espirituais de Ariccia, em abril de 1960: *«A pobreza paulina tem cinco funções: renuncia, produz, conserva, provê, edifica. Renuncia à administração, ao uso independente, ao que é comodidade, gosto, preferências; tudo tem em uso. Produz com o trabalho assíduo; produz tanto para servir a obras quanto a pessoas. Conserva as coisas que tem para uso. Provê às necessidades do instituto. Edifica corrigindo a cupidez dos bens»*⁶.

Se a pobreza de “cor paulina” é caracterizada por estas cinco funções, é necessário todavia considerar que à base desta forma particular de expressar a pobreza há a proposta evangélica. O risco, caso contrário, é de cair numa prática funcionalista da pobreza, ou seja, em vista de uma busca desenfreada da eficiência. Isto é o que observava padre Rafael Tonni, então Superior geral: *«O difícil equilíbrio entre eficiência apostólica e pobreza evangélica é, entre todos, o ponto mais delicado da nossa vocação, e aquele que suscita maiores problemas, dando lugar também a notáveis abusos se vier a faltar um profundo sentido cristão»*⁷. Portanto, um dos desafios é buscar a harmonia, recuperando o significado evangélico e o sentido cristão da pobreza para constatar como estes se reverberam no nosso estilo específico de vida consagrada.

2. A pobreza como desapego e liberdade

Podemos considerar a pobreza sob vários aspectos. Quando, de fato, falamos sobre tal dimensão, entramos numa esfera de significados muito articulada e ambígua. Entre estes aspectos incluem-se aqueles que implicam uma conotação negativa, que não indicam um valor, mas, ao contrário, um mal que deve ser debelado⁸. Entre as situações que podemos colocar neste âmbito estão, por exemplo, a miséria, a indigência, a opressão, a marginaliza-

⁴ Rinaldo Fabris, *Paolo evangelizzatore e pastore*, Assisi, Cittadella editrice, 1982, p. 69.

⁵ Concílio Vaticano II, *Perfectae Caritatis*, n. 13.

⁶ Giacomo Alberione, *Ut perfectus sit homo Dei I*, 447.

⁷ Raffaele Tonni, *La povertà di Cristo*, op. cit.

⁸ Renato Perino, *Lo spirito di povertà*, op. cit.

ção, a fome, a alienação, a ignorância etc. Não podemos nos esquecer, aqui, da degradação da criação, que está estreitamente ligada à pobreza social⁹.

Estamos conscientes de que a pobreza à qual nos referimos é algo de totalmente diverso. Encontramos no Antigo Testamento seu verdadeiro sentido, com uma expressão que foi retomada nos Evangelhos: “os pobres de Javé” (*anawim*). Estes são os que confiam no Deus da Aliança e que esperam a salvação somente dele, sem recorrer a alianças fora de Deus¹⁰. Nessa perspectiva, a pobreza é entendida como a disposição de entregar-se completamente a Deus. Ser pobre é tornar-se pequeno diante de Deus e dos homens; significa reconhecer a própria miséria e impotência, deixando de lado atitudes de orgulho interior ou exterior, distanciando-se de sonhos e projetos de autoexaltação.

A pobreza – no sentido cristão comum e, mais ainda, na sua forma radical, como é proposta na vida consagrada – supõe dois grandes objetivos interligados: desapego das coisas (entre elas incluímos também ideias, pessoas, lugares etc.) para “apegar-se” a Deus. Como esclarece nosso Fundador: «Mas antes é necessário apegar-se a Deus, isto é, amar e quando se ama a Deus, eis que as coisas da terra são ainda usadas, ainda se come, a gente ainda se veste, há necessidade de uma casa para morar, mas tudo isto para servir melhor, para amar mais o Senhor»¹¹.

Viver de maneira pobre, portanto, consiste numa entrega completa a Deus como único e sumo bem e no desapego dos bens terrenos por amor a Deus e aos homens¹². Neste sentido, podemos dizer, com o Bem-aventurado Alberione, que tornar-se pobre é «libertar o coração dos tropeços, dos apegos, daquelas coisas que impedem o voo livre»¹³. Segundo ele, «quem tem o afeto, ainda que a um só fio, é como um pássaro amarrado: não pode voar rumo às alturas da santidade»¹⁴.

O desapego das “coisas”, na sociedade em que vivemos hoje, é um grande desafio. Habitamos, de fato, num mundo com uma múltipla oferta de coisas de consumo, que muitas vezes invade as famílias e, às vezes, também até nossas comunidades, com o risco de gerar uma tristeza individualista, que brota de um coração acomodado e amargo, e da busca de prazeres superficiais. Nesse contexto, somos chamados a viver a pobreza, não como uma lei canônica a que devemos obedecer cegamente, mas sobretudo como uma opção que leva a conquistar a verdadeira liberdade.

3. A pobreza entre o Evangelho e a lei

A pobreza, como conselho evangélico, nasce do compromisso pessoal de seguir Jesus na radicalidade. Não pode brotar de uma imposição canônica, ainda que as leis canônicas e institucionais ajudem a evitar abusos no caso da eventual não observância deste voto. Eis o que diz a este propósito o Concílio Vaticano II, dirigindo-se àqueles que estão na vida consagrada: «Por quanto diz respeito à pobreza religiosa, não basta depender dos superiores no uso dos bens, mas é necessário que os religiosos sejam pobres efetivamente e em espírito, tendo seu tesouro no céu (cfr. Mt 6,20)»¹⁵.

Neste sentido, não basta uma pobreza orientada exclusivamente às coisas materiais, se depois o coração fica insensível, se esta observância não leva a uma libertação em vista de uma verdadeira experiência de Deus e do serviço aos irmãos. A respeito das coisas materiais, a pobreza não pode ser reduzida a “economizar”, ainda que poupar seja positivo para evitar os excessos. Noutras palavras, o “voto de pobreza” não é um

⁹ Papa Francisco, *Laudato si'*, n. 16.

¹⁰ Cfr. *Documentos capitulares. Capítulo Geral Especial 1969-1971*, Edições Paulinas, São Paulo, 1972, n. 439.

¹¹ Giacomo Alberione, *Alle Suore di Gesù Buon Pastore*, Roma, Casa generalizia Suore Gesù Buon Pastore, 25 maggio, 1984, 452.

¹² Cfr. *Constituições e Diretório da Sociedade de São Paulo*, art. 33.

¹³ Giacomo Alberione, *Alle Figlie di San Paolo. Meditazioni e Istruzioni 1957*, Roma, Casa Generalizia Figlie San Paolo, 2013, p. 439.

¹⁴ Giacomo Alberione, *Ut perfectus sit homo Dei* I, 453.

¹⁵ Concílio Vaticano II, *Perfectae Caritatis*, n. 13.

“voto de economia”. Às vezes alguém pode ser um ótimo economizador, mas tão contagiado por um coração fechado que pode chegar à avareza. De fato, uma pobreza que não nasce de convicções internas, mas se refere somente às coisas externas, pode gerar atitudes mesquinhas em relação às próprias coisas.

A pobreza evangélica é aquela que coincide com a “pobreza no espírito”, que nasce de uma opção pessoal livre e adulta, que leva ao apego a Deus, à abertura do coração, ao desapego das coisas e das pessoas, à generosidade, à quebra da autoreferencialidade. Jesus disse: «*Bem-aventurados os pobres no espírito, porque deles é o reino dos céus*» (Mt 5,3). “Pobres no espírito” são aqueles que não têm nada a preservar e que se entregam totalmente ao Senhor: ele é a defesa e a riqueza deles. Em outras palavras, é uma disposição de ânimo, uma condição do espírito que torna o homem apto para o Reino de Deus¹⁶.

A “pobreza no espírito” não pode se tornar um princípio abstrato. Vale para nós a advertência do nosso Fundador, feita às irmãs Filhas de São Paulo: «*Não sejais tão abstratas como quem, por olhar sempre as estrelas, acaba caindo no poço*»¹⁷. A verdadeira pobreza no espírito é a pobreza que se vive a partir de dentro (isto é, do ser) e se exprime ao externo com atitudes de humildade, de simplicidade, de altruísmo e generosidade. Ao contrário, os “ricos de coração” são aqueles que se acomodam na sua autossuficiência, no orgulho, no egoísmo. São aqueles que não precisam de Deus nem dos irmãos. De fato, «*quando o coração se sente rico, é tão satisfeito de si mesmo que não tem espaço para a Palavra de Deus, para amar os irmãos, nem para o gozo das coisas mais importantes da vida*»¹⁸.

Se um consagrado não procura ser pobre no espírito, nunca será pobre nos fatos! É a pobreza que nasce de dentro do homem, que o motiva a buscar a experiência da autenticidade na pobreza material. É a pobreza no espírito que leva a procurar as motivações basilares da vida que se inspiram sobretudo na Boa-nova de Jesus e, no nosso caso, no carisma paulino. É assumir um estilo de vida simples e despojado das “coisas”, que leva à capacidade de doação, ao serviço e à partilha. Caso contrário a pessoa será um simples “economizador”, viverá a “pobreza” como uma obrigação pessoal sua, e, portanto, com dificuldade, e certamente produzirá poucos frutos de bem.

4. Jesus, o Mestre de pobreza

Jesus, que soube desapegar-se de tudo para se dedicar totalmente ao projeto que Deus Pai lhe confiou, é nossa primeira referência para a pobreza. Ele não somente fez discursos ligados à pobreza, mas assumiu esta dimensão como verdadeiro e próprio estilo pessoal de vida. Jesus, o nosso Mestre, nasceu pobre, foi filho de pobres e trabalhou como o mais simples dos artesãos¹⁹. Na condição de discípulos, somos chamados a entrar na sua “escola de pobreza”.

Como observou o nosso Fundador, «*muitas almas amam a humildade, mas não a humilhação, outras amam a pobreza, mas não as privações, e se tiverem que fazer um sacrifício desaparecem, gostam de ficar à toa, que é o contrário da pobreza. Jesus ensinou-nos a pobreza não tanto com as palavras, mas com o exemplo*»²⁰. A pobreza de Jesus é concreta, a começar pela “pobreza do ser”, isto é, da experiência do abaixamento (*kénosis*).

A *kénosis* de Jesus é uma pobreza abraçada pela causa do Reino: «*Ele estava na forma de Deus, mas renunciou ao direito de ser tratado como Deus. Pelo contrário, esvaziou-se a si mesmo e tomou a forma de servo, tornando-se semelhante aos homens. E encontrado na figura de homem, rebaixou-se a si mesmo fazendo-se obediente até à morte, e morte de cruz*»

¹⁶ Cfr. nota in *La Bibbia. Nuovissima versione dai testi originali, Nuovo Testamento*, vol. III, Cinisello Balsamo (Milano), Edizione Paoline, 1991, p. 86.

¹⁷ Giacomo Alberione, *Alle Figlie di San Paolo. Meditazioni e Istruzioni 1929-1933*, Roma, Casa generalizia Figlie San Paolo, 2005, p. 296.

¹⁸ Papa Francisco, *Gaudete et exultate*, n. 68.

¹⁹ Cfr. Giacomo Alberione, *Vademecum*, n. 444.

²⁰ Giacomo Alberione, *Vademecum*, n. 457.

(Fl 2,6-8). A radical e autêntica pobreza de Jesus consiste, portanto, na anulação da sua pessoa, na renúncia a impor o seu “ser Deus”. Como afirma são Paulo: «*Sendo rico, ele se fez pobre por causa de vocês, para com sua riqueza enriquecer a vocês*» (2Cor 8,9).

A “pobreza no ser” se manifesta concretamente em Jesus na sua opção de viver materialmente como pobre, isto é, de ter uma vida simples, como a grande maioria do seu povo. Jesus sabe que a riqueza em si mesma aprisiona o coração do homem, levando-o a dominar sobre os outros, gerando uma segurança medrosa, egoística e reduzida ao próprio “eu”. Entre as riquezas há o dinheiro. Jesus tem consciência dos riscos. Por esta razão ele pode dizer: «*Nenhum servo pode servir a dois senhores. Porque, ou odiará um e amará o outro, ou se apegará a um e desprezará o outro. Vocês não podem servir a Deus e ao dinheiro*» (Lc 16,13)²¹.

Além da liberdade diante das riquezas, Jesus manifesta a sua pobreza ao assumir um trabalho. O Filho de Deus trabalha. Aquele que invocamos como Mestre, Caminho, Verdade e Vida trabalhou: «*Um Deus que redime o mundo com as virtudes domésticas e com um duro trabalho até à idade de trinta anos! Trabalho redentor, trabalho de apostolado, trabalho cansativo*»²².

A pobreza de Jesus se exprime também no relacionamento simples com as pessoas. Uma pobreza que o leva a acolher a todos, especialmente os marginalizados do seu tempo: as crianças, as mulheres, os pecadores públicos, os doentes... A todos se dirige com atitudes de compaixão, acolhida, escuta e misericórdia. De fato, «*as suas ternuras foram para com os deserdados. A sua pregação foi dirigida a elevar o povo*»²³.

Como Jesus, somos chamados a fazer o nosso caminho de *kénosis*, a nos unirmos a ele no esvaziamento para ser livres na missão. Isso significa desapegar-nos dos bens materiais, mas também do nosso “ego”, do orgulho, do egoísmo, do narcisismo, da prepotência, da ambição, da mania de ser juizes dos outros, da tentação de ocupar os primeiros lugares (e às vezes até mesmo o lugar de Deus!).

A pobreza vivida por Jesus é um convite aos seus discípulos, do passado e do presente, a abandonar-se de modo confiante nas mãos do Pai, a buscar primeiro o Reino de Deus e a sua justiça e a estar convencidos de que todas as outras coisas referentes às necessidades fundamentais nos serão dadas em acréscimo (cf. Mt 6,33). O Apóstolo Paulo empreendeu radicalmente esta estrada. O modelo de pobreza de Jesus está na base da pobreza paulina, que recebemos como herança carismática.

5. O Apóstolo Paulo e a pobreza

Entre os discípulos que assumiram a pobreza na radicalidade proposta por Jesus está certamente são Paulo, que para nós é o modelo de apóstolo²⁴; é aquele que exercitou o verdadeiro apostolado das edições²⁵; é aquele do qual nós devemos receber o espírito, a mentalidade, o amor a Jesus Cristo e o amor às almas²⁶. De Paulo, o Paulino aprende também a viver a pobreza como disponibilidade apostólica.

De fato, são Paulo assume a pobreza evangélica que gera nele uma libertação total, até levá-lo ao serviço, à missão. Com ele aprendemos que «*a ‘pobreza evangélica’, no*

²¹ “Riqueza” aqui é a tradução do termo “mamona”. Mamona é poder ou propriedade, e como tal é uma realidade contraposta a Deus. «*Não se trata somente do dinheiro em sentido técnico, mas do poder econômico, que sequestra o homem de modo totalizante, paralisante e alternativo em relação a Deus*», in Victoriano Casas García, *Povertà*, in Angel Aparicio Rodríguez, Joan María Canals Casas (directo da), *Dizionario Teologico della Vita Consacrata*, Milano, Editrice Ancora, 1994, p. 1250. Jesus seguiu outro caminho. Ele viveu a atitude religiosa do pobre de Jahwé, abandonando-se completamente nas mãos do Pai, confiando-lhe toda a sua pessoa, até ao gesto extremo do grito sobre a cruz no instante da sua morte «*Pai, nas tuas mãos entrego o meu espírito*» (Lc 23,46).

²² Tiago Alberione, *Abundantes divitiae*, 127-128.

²³ Giacomo Alberione, *Catechismo sociale*, 289.

²⁴ Giacomo Alberione, *Vademecum*, n. 641.

²⁵ Giacomo Alberione, *Carissimi in San Paolo*, p. 809.

²⁶ Giacomo Alberione, *Vademecum*, n. 654.

espírito de Jesus Cristo, não é somente desapego, mas é muito mais: é libertação dos laços que nos mantêm presos à terra, e é ao mesmo tempo impulso para multiplicar as forças e adotar todos os meios ao serviço de Deus e do Evangelho»²⁷.

No seguimento de Jesus também são Paulo faz a sua *kénosis*, que o leva a romper com algumas convicções religiosas, que o fechavam num mundo de preceitos, ao ponto de chegar à aberta hostilidade contra quem pensava diversamente dele. Paulo mesmo fala da ruptura que experimentou com seu passado de fariseu, a partir do encontro com Cristo: *«Tudo o que para mim era lucro, agora considero como perda, por causa de Cristo. Mais que isso. Considero tudo como perda, diante do bem superior que é o conhecimento de Cristo Jesus, meu Senhor. Por causa dele perdi tudo, e considero tudo como lixo, a fim de ganhar Cristo e ser encontrado nele»* (Fl 3,7-9).

A pobreza vivida por são Paulo é visível também na sua capacidade de se desprender do desejo de possuir a própria pátria, a língua, a terra natal etc., para pertencer a Cristo, a todo o mundo, a todas as pessoas... ao ponto de dar a vida pelo Evangelho. Nesta perspectiva, para que o Evangelho fosse conhecido e acolhido pelas pessoas, Paulo sofre a fome, a sede, a nudez, que são as necessidades fundamentais elencadas por Jesus: *«Não se preocupem com a vida de vocês, em relação ao que vão comer ou beber; nem com o corpo de vocês, em relação ao que vão vestir»* (Mt 6,25).

São Paulo nos ensina que a pobreza leva a uma vida sóbria e à liberdade das falsas seguranças, entre as quais também a do dinheiro: *«Se tivermos o que comer e com o que nos vestir, que nos contentemos com isso. Os que desejam enriquecer caem na tentação, na armadilha e em muitos desejos insensatos e prejudiciais que afogam as pessoas na ruína e destruição. Porque a raiz de todos os males é o apego ao dinheiro. Pela ânsia de dinheiro, alguns se afastaram da fé e se torturaram com muitos sofrimentos»* (1Tm 6,8-10). Vale a pena frisar que Paulo nos lembra que o amor ao dinheiro é a raiz de todos os males!

A pobreza que o Apóstolo Paulo viveu é um valor que ele assume como estilo de vida, está na base de importantes âmbitos da existência, que ele mesmo promoveu na sua atividade evangelizadora e que hoje são fundamentais no seguimento de Jesus, particularmente para nós Paulinos. Entre estes queremos destacar a vida de comunhão, o trabalho e a solidariedade para com os pobres.

5.1 A vida de comunhão

Nas pegadas de Jesus, são Paulo assume a pobreza como um método, um estilo de vida, um exercício de esvaziamento de si e do supérfluo; não como mera ascética, mas como um caminho que abre espaço a outros, antes de tudo a Cristo Jesus e ao seu Evangelho, mostrando-nos que o anúncio do Evangelho não é uma atividade solitária. De fato, constantemente ele exorta à *koinonia* (“comunhão”)²⁸, à comunhão de uns com os outros em Cristo, isto é, da comunhão com o Pai por meio do Filho no Espírito Santo, que tem seu fundamento no amor. Paulo insiste que ser cristão consiste em entrar nesta vida de comunhão.

Paulo fala de comunhão com Cristo mediante a incorporação a ele através do seu corpo quando, por exemplo, trata da Eucaristia: *«O cálice da bênção que abençoamos, não é comunhão [koinonia!] com o sangue de Cristo? O pão que partimos, não é comunhão [koinonia!] com o corpo de Cristo? Somos um só pão e um só corpo, porque, mesmo sendo muitos, participamos todos do único pão»* (1Cor 10,16-17). A comunhão em Cristo impele à comunhão com os irmãos. A comunhão torna-se fraternidade.

²⁷ Giacomo Alberione, *Vademecum*, n. 449.

²⁸ «No Novo Testamento a palavra *koinonia* (frequentemente traduzida com ‘comunhão’ ou ‘comunhão fraterna’) une certo número de conceitos fundamentais como unidade, vida comum, partilha e participação. A forma verbal da qual deriva significa ‘partilhar’, ‘participar’, ‘ter parte em’, ‘ter algo em comum’ ou ‘agir junto’. O substantivo pode expressar irmandade (comunhão fraterna) ou comunidade. Geralmente expressa uma relação baseada na participação e uma realidade partilhada (cfr. 1Cor 10,16)», in Giovanni Cereti, *Comunione*, in Giuseppe Barbaglio, Giampiero Bof e Severino Dianich (a cura di), *Dizionario di Teologia*, Cinisello Balsamo (Milano), San Paolo, 2002, p. 256.

A autêntica comunhão com Cristo, cujo caminho supõe o exercício contínuo da pobreza, leva o cristão à partilha com os irmãos de tudo aquilo que recebeu do Senhor, isto é, os talentos, os dons espirituais, os bens materiais, morais e intelectuais. Dirigindo o olhar à nossa realidade paulina, podemos afirmar que sentir-se em comunhão e viver a comunhão é fundamental para a vida em comunidade e para o desempenho do apostolado, duas realidades não contrapostas, mas complementares: uma comunidade para o apostolado²⁹.

5.1.1 Em comunhão na comunidade

A comunidade cristã, no sentido paulino, é um corpo no qual cada membro, em comunhão com os demais, tem a sua importância e função. “Comunhão” neste sentido não significa uniformidade, mas unidade na diversidade de dons: «Assim como num só corpo temos muitos membros, e estes membros não têm todos a mesma função, assim também nós, embora sendo muitos, somos um só corpo em Cristo, e individualmente somos membros uns dos outros» (Rm 12,4-5).

Concretamente, vida de comunhão é relacionamento. A qualidade de uma comunidade depende da qualidade das relações (com Deus e com os outros). Por sua vez, o relacionamento depende da comunicação como capacidade de escuta, do procurar pelo outro e do reconhecer a sua alteridade, rompendo o círculo fechado da autossuficiência e da autorreferencialidade.

O relacionamento leva a alimentar a capacidade de diálogo, entendido como um colóquio que induz cada um a reconhecer as riquezas do outro, sem medo e com simplicidade, acolhendo e compreendendo o outro assim como ele é, prezando por todas as suas riquezas, escutando suas necessidades, para servi-lo com prontidão e perdendo suas deficiências e seus erros. É uma relação de reciprocidade. O caminho do diálogo exige um “esvaziamento” contínuo.

Considerando nossas comunidades, vemos que ainda, em certos lugares, é difícil viver a unidade na diversidade de dons. É urgente retomar o sentido da vida comum, de buscar o caminho de uma verdadeira *koinonia* na realidade concreta na qual vivemos. A situação torna-se grave quando, não obstante se celebre assiduamente a Eucaristia, ela ainda não repercute na vida, não cria “comunhão”.

Não basta viver junto, como já exortava o Bem-aventurado Alberione. Também no colégio, no pensionato, no quartel etc. vive-se junto, porém lá não há vida comum³⁰. Portanto, o que significa “vida comum”? O Fundador mesmo responde: «Significa unidade de pensamento, unidade de obras, discurso comum, unidade de sentimentos, unidade de fim. Todos devem contribuir ao fim principal e ao fim secundário: a santificação pessoal e o apostolado»³¹. Um dos caminhos para construir a unidade, como estamos reiterando, é a “pobreza”, no sentido mais profundo, como a disponibilidade de abertura a Deus e aos irmãos, em vista da missão.

5.1.2 Em comunhão no apostolado

A pobreza vivida pelo Apóstolo Paulo exprime-se no seu esforço contínuo de relacionar-se com as pessoas ligadas ao seu trabalho pastoral e com as várias comunidades por ele fundadas. Paulo nos ensina que a pobreza exige viver na gratuidade, alicerçada por sua vez sobre a gratuidade da salvação, pela qual Jesus na cruz pagou alto preço, mas gratuitamente oferecida a todos. Uma gratuidade que leva a trabalhar em colaboração, em sinergia.

De fato, Paulo realiza seu trabalho de evangelização em rede. A evangelização não é uma obra solitária. Por mais genial que tenha sido seu apostolado e por quanto especial fosse sua vocação,

²⁹ «Visto que o fim da Sociedade de São Paulo consegue-se com um trabalho eminentemente comunitário, todos os membros cultivem a colaboração fraterna e se auxiliem mutuamente a fim de corresponderem à vocação comum», *Constituições e Diretório da Sociedade de São Paulo*, art. 15.

³⁰ Cfr. Giacomo Alberione, *Ut perfectus sit homo Dei* 1, 284.

³¹ Giacomo Alberione, *Vademecum*, n. 540.

tratou-se sempre de uma iniciativa comum a serviço do Evangelho³². Sabemos por suas cartas o grande número de colaboradores em Cristo que trabalhavam com ele, que ajudavam a formar as comunidades e que pregavam o Evangelho³³. De fato, Paulo «era ajudado por numerosos colaboradores que formavam uma rede ao redor dele. Este grupo de colaboradores cresceu graças a interação entre Paulo e as suas comunidades. Com este “time” ele endereçava seu anúncio quer aos hebreus, quer aos gentios, ainda que este último grupo pareça ter sido seu primeiro objetivo»³⁴.

Não são poucas as palavras do nosso Fundador a respeito do trabalho apostólico em corresponsabilidade, em sinergia, ainda que, certamente, ele nunca usou propriamente estas palavras. A comparação do apostolado com uma “orquestra” é um exemplo clássico que expressa esta ideia: «O apostolado paulino exige um forte grupo de redatores, técnicos e propagandistas. Todos devem ser concordes, como são concordes os artistas que apresentam uma bela ópera. Quantas vontades e energias dissociadas, desorganizadas, se esgotam em desejos, em tentativas, em desilusões! É necessário que todos juntos preparem o pão do espírito e da verdade»³⁵.

O apostolado feito “em comunhão” leva-nos a ver o outro, o Paulino ou o leigo que trabalha conosco, não como concorrente, mas, ao invés, como colaborador. É certamente um desafio viver a comunhão não somente como uma realidade reservada ao ambiente comunitário, mas também como uma experiência que se vive, sim, comunitariamente, mas que se exprime na missão.

A eclesiologia de comunhão e de participação, que frequentemente difundimos por meio de nossas publicações aos outros, é um modelo para se por em prática também na nossa organização apostólica, considerando que a verdadeira evangelização começa a partir de dentro, pressuposto para que nossa mensagem seja credível. Isto significa que certamente devemos considerar as leis da indústria, do comércio, do mundo do trabalho etc., que devem ser levadas em consideração a respeito da natureza do nosso apostolado, todavia tais normas do mercado, frias e às vezes excludentes, não podem, porém, prevalecer nas nossas relações humanas. De fato, «não havia necessidade de um instituto religioso para criar uma indústria! Não há necessidade de pessoas consagradas a Deus para fazer comércio!»³⁶.

5.2 A dignidade do trabalho

São Paulo, a exemplo do seu mestre Jesus, manifesta concretamente a pobreza vivendo como trabalhador. Se Jesus foi um trabalhador manual (cfr. Mc 6,3) e filho de um artesão (cfr. Mt 13,55), assim também foi Paulo, fabricante de tendas (cfr. At 18,3). Para não pesar economicamente sobre suas comunidades, ele mesmo afirma que se cansava trabalhando com suas próprias mãos (cfr. 1Cor 4,12). Lembramos que, no tempo de Paulo, «os homens livres não trabalhavam com as próprias mãos. Paulo enquanto jovem aprendeu uma profissão manual: montar tendas. Com este trabalho mantinha-se em Corinto e em Tessalônica e nas viagens; quando acabavam as reservas e já não tinha as generosas ajudas da comunidade de Filípou ou de outros irmãos, trabalhava com as próprias mãos»³⁷.

Ainda que Paulo, considerando seu ministério, tivesse consciência do direito de ser mantido pela comunidade (1Cor 9,14-15), renuncia a isso para não ser um “peso”: «Vocês ainda se lembram, irmãos, de nosso trabalho de fadiga. Noite e dia trabalhando para não sermos de peso para nenhum de vocês, nós assim lhes proclamamos o evangelho de Deus» (1Ts 2,9). Para Paulo, «nenhum cristão, pelo fato de fazer parte de uma comunidade solidária e fraterna, deve sentir-se no direito de não trabalhar e viver às custas dos outros»³⁸.

³² Cfr. Jean-Michel Poffet, *Paolo di Tarso*, Cinisello Balsamo (Milano), San Paolo, 2002, p. 100.

³³ Podemos constatar os numerosos amigos e colaboradores de São Paulo, por exemplo, no capítulo 16 da Carta aos Romanos.

³⁴ Lambertus J. Lietaert Peerbolte, *Paolo il missionario. Alle origini della missione cristiana*, Cinisello Balsamo (Milano), San Paolo, 2006, p. 297-298.

³⁵ Giacomo Alberione, *Ut perfectus sit homo Dei I*, 288.

³⁶ Giacomo Alberione, *Haec Meditare II*, Alba-Roma, Figlie San Paolo, 1942, pp. 173-174.

³⁷ Rinaldo Fabris, *Paolo evangelizzatore e pastore*, op. cit., p. 75.

³⁸ Antonio Bonora, *Lavoro*, in Pietro Rossano, Gianfranco Ravasi, Antonio Girlanda (a cura di), *Nuovo Dizionario di Teologia Biblica*, Cinisello Balsamo (Milano), Edizioni San Paolo, 1988, p. 785.

Para São Paulo a comunidade cristã não é contraposta à comunidade civil quanto à responsabilidade do trabalho. O trabalho é uma obrigação para todos, é um dever natural. Nesta mesma linha encontra-se também o Bem-aventurado Alberione, quando afirma que «o trabalho é um dever natural para todos. Também Jesus Cristo trabalhou. É, outrossim, dever de caridade, segredo de mérito e de felicidade, e contributo ao bem comum»³⁹. Daqui a sua advertência, muito conhecida, que «a vida religiosa para os preguiçosos é em certo aspecto uma desgraça grande. [...] Se estivessem no mundo, teriam trabalhado pela lei da necessidade [...] e teriam uma conta menos grave para apresentar a Deus, e dariam menos escândalo na comunidade, e seriam mais virtuosos»⁴⁰.

Mas qual trabalho? Considerando a realidade da nossa vida e missão, Pe. Alberione tem uma visão alargada do trabalho. Para ele, no trabalho entram dois elementos basilares: atividade e fim útil. Neste sentido, além do trabalho manual, há também o trabalho intelectual, o trabalho interior, o trabalho moral, o trabalho espiritual etc.⁴¹ «Limitamos mais a Deus quando trabalhamos, quando pomos em atividade a inteligência para aprender as coisas, a saúde para agir e produzir, a força necessária para rezar, porque a oração é um trabalho cansativo! Devemos por isso considerar que a pobreza se manifesta no trabalho. Produzir para nós e para os outros»⁴².

A vida paulina, associada à exigência do voto de pobreza como conselho evangélico, exige de nós ser autênticos trabalhadores. «O apostolado é o meio de vida para as nossas casas, porque isto é o nosso modo ordinário de viver; a beneficência e as ofertas são subsidiárias»⁴³. Por outro lado, o trabalho se torna praticamente impossível quando se vive em meio à riqueza, que atrofia as energias humanas, convertendo a pessoa em escrava da preguiça, da comodidade e da indolência. Urge, portanto, voltar ao sentido da pobreza!

5.3 A solidariedade com os pobres

O apóstolo Paulo abriu-se a todos no anúncio do Evangelho (cfr. 1 Cor 9,22). Entre estes se incluem também aqueles que viviam a pobreza no sentido negativo do termo. A sensibilidade a esta categoria de pobres é presente na vida e na pastoral de São Paulo quando, por exemplo, organiza a coleta em favor da comunidade cristã de Jerusalém (2 Cor 8-9) para prover às suas necessidades materiais.

Essa “coleta internacional” contra a fome não se reduz a uma simples arrecadação. «Para o Apóstolo Paulo a coleta é mais do que um simples gesto de ajuda recíproca. A solidariedade econômica (koinonia) é uma forma necessária de amor fraterno»⁴⁴. Paulo a denomina “serviço”, “obra de caridade”, “generoso favor”, “serviço sacro” etc. Ele está consciente de que esta ação não pode ser uma imposição, mas, ao contrário, algo que todo cristão é chamado a oferecer segundo a sua generosidade, que deve ter como referência a generosidade de Jesus.

Paulo está consciente de que a contribuição não deve ser forçada, dado que não seria generosidade. Por isso escreve: «Cada um dê como decidir em seu coração, não com desgosto ou por pressão, pois Deus ama quem dá com alegria» (2 Cor 9,7). E deixa entender claramente que «quem semeia com mesquinhez, também colherá com mesquinhez; quem semeia com generosidade, também colherá com generosidade» (2 Cor 9,6). Seguindo os passos de Jesus, São Paulo motiva, portanto, os cristãos a abrir-se aos que têm necessidade.

A sensibilidade para com os pobres e os doentes deve habitar no coração do Paulino e na pastoral da comunicação, seguindo os mesmos passos do nosso Fundador que, no seu tempo, assim afirmava: «A vida de Jesus Cristo é lei e caminho para todos. Ele foi equânime e imparcial entre as discórdias, competições, as classes sociais, mas não escondeu

³⁹ Giacomo Alberione, *Catechismo sociale*, 120.

⁴⁰ Giacomo Alberione, *Catechismo sociale*, 120.

⁴¹ Cfr. Giacomo Alberione, *Alle Famiglie Paoline*, Roma, Edizione Paoline, 1954, p. 50.

⁴² Tiago Alberione, *Voto di povertà*, Raccolta di Grottaferrata; citação em *Documentos Capitulares. Capítulo Geral Especial 1969-1971*, n. 443.

⁴³ Giacomo Alberione, *Carissimi in San Paolo*, p. 177.

⁴⁴ Victoriano Casas García, *Povertà*, in Angel Aparicio Rodríguez, Joan Maria Canals Casas (diretto da), *Dizionario Teologico della Vita Consacrata*, op. cit., p. 1258.

suas simpatias profundas e seus cuidados especiais e defesas à classe proletária, aos pobres e sofrendores. Exatamente porque frágeis. A imparcialidade não significa insensibilidade para com quem sofre seculares injustiças e prepotências, [para com aqueles] que devem defender suas sofridas conquistas»⁴⁵.

Tal sensibilidade para com os pobres apareceu no nosso Capítulo Geral Especial (1969-1971), evento que, entre outros objetivos, teve a preocupação de atualizar a nossa vida paulina à luz do Concílio Vaticano II. É interessante que nesse Capítulo tenha aparecido a ideia de adotar em nível local, provincial ou geral, alguma iniciativa que sensibilizasse nossas comunidades sobre a presença dos pobres no mundo, por exemplo, com a celebração anual de uma Jornada dos Pobres, juntamente com a Família Paulina, com alguma iniciativa nos diversos territórios em favor dos pobres das regiões em que vivem⁴⁶.

Se esta iniciativa não se concretizou, todavia, de algum modo ela antecipou a “Jornada Mundial dos Pobres”, instituída pelo Papa Francisco no âmbito da Igreja universal. cujo objetivo o Papa Francisco mesmo assim explicou: *«Este Dia pretende estimular, em primeiro lugar, os crentes, para que reajam à cultura do descarte e do desperdício, assumindo a cultura do encontro. Ao mesmo tempo, o convite é dirigido a todos, independentemente da sua pertença religiosa, para que se abram à partilha com os pobres em todas as formas de solidariedade, como sinal concreto de fraternidade. Deus criou o céu e a terra para todos; foram os homens que, infelizmente, ergueram fronteiras, muros e recintos, traíndo o dom originário destinado à humanidade sem qualquer exclusão»⁴⁷.*

Esta exortação é dirigida a todos, também a nós, porque com o nosso apostolado, na e com a comunicação, com os meios analógicos e digitais, podemos também nós fazer a nossa parte. E a parte importante que podemos oferecer é ajudar a Igreja a formar uma *«mentalidade nova na sociedade»⁴⁸*, inspirada no Evangelho. Como já dissemos acima, a nossa caridade, no contexto do nosso apostolado, é oferecer à humanidade o pão da verdade.

Antes de tudo, Jesus Cristo é o “pão-verdade”⁴⁹, a ser oferecido à humanidade, num mundo cheio de fome e sede de amor, de justiça, de esperança, de solidariedade... e também de desejo de vida. Assim exorta-nos o nosso Fundador: *«Como na porta dos conventos, em geral, nos tempos passados distribuía-se a sopa, distribuía-se o pão e ainda se faz em muitos lugares, assim às portas dos conventos é necessário distribuir a verdade. Aquilo de que o homem tem necessidade: conhecer Deus, conhecer o seu destino eterno»⁵⁰*. Atualizando a este propósito um dos muitos desafios de hoje, podemos dizer que é preciso continuar a apresentar a verdade num contexto cultural onde, especialmente com o desenvolvimento do ambiente digital, cresce a possibilidade de difusão de “fake news”. Faz parte da nossa missão, por exemplo, combater as notícias falsas⁵¹. Proclamar sempre a verdade e denunciar quando ela é manipulada e mistificada.

A solidariedade aos pobres (em todos os sentidos!) é um convite a quebrar a autorreferencialidade institucional e a olhar para a realidade concreta do povo, uma realidade *«de mulheres e homens do nosso tempo, com suas feridas e suas inquietações, com as dúvidas e os medos que levam no coração, para procurar lhes oferecer o encontro com o Deus da esperança que rasga o muro da indiferença e oferece uma razão de vida, um motivo para esperar»⁵².*

⁴⁵ Giacomo Alberione, *Catechismo sociale*, 289.

⁴⁶ Cfr. *Documenti. Capitolo Speciale 1969-1971*, op. cit., n. 459.

⁴⁷ Papa Francisco, *Mensagem para o 1º Dia Mundial dos Pobres: “Não amemos com palavras, mas com obras”*, 19 novembro 2017, n. 6.

⁴⁸ Giacomo Alberione, *Vademecum*, n. 1337.

⁴⁹ Cfr. Giacomo Alberione, *Carissimi in San Paolo*, p. 124.

⁵⁰ Giacomo Alberione, *Vademecum*, n. 1045.

⁵¹ Cfr. Papa Francisco, *Mensagem para 52ª Jornada Mundial das Comunicações Sociais: “A verdade vos tornará livres (Jo 8,32). Fake news e jornalismo de paz”*, 13 maio de 2018.

⁵² Dario Edoardo Viganò, *Di quali modelli di comunicazione ha bisogno oggi le Chiesa nel mondo*, in *Atti del 2º Seminario Internazionale degli Editori Paolini*, Roma, 2017, pp. 100-101.

6 O Pacto

O tema da pobreza, do qual alguns aspectos foram desenvolvidos nesta Carta, é oferecido como proposta de reflexão justamente no ano em que celebramos o Centenário da oração *Segredo de êxito* ou *Pacto*, que foi recitada pela primeira vez pelo Bem-aventurado Alberione, com os primeiros Paulinos, no dia 6 de janeiro de 1919.

O *Segredo de êxito* é a oração que expressa a nossa confiança em Jesus e o reconhecimento de que todas as graças para levar adiante o apostolado vêm dele, não obstante a nossa insuficiência em tudo. A pobreza está na base desta oração, que, na versão original, foi escrita sob a forma de nota promissória, assinada pelo Pe. Alberione e pelo Pe. Timóteo Giaccardo, e traduzida sucessivamente na fórmula de um pacto bilateral, estipulado entre os Paulinos e Jesus Mestre, e tendo como testemunhas são Paulo e Maria Rainha dos Apóstolos⁵³.

Considerando os vários limites da formação dos primeiros jovens para exercer o apostolado paulino e os poucos recursos materiais dos inícios da Sociedade de São Paulo (e da Família Paulina), o conteúdo do *Segredo de êxito* – que na verdade é uma verdadeira e própria “aliança” – manifesta a total confiança em Jesus. Confia-se no fato de que o Senhor dará santidade, ciência e habilidade ao trabalho fazendo aprender quatro por um, dando a santidade dez por um, cinco por um na habilidade do trabalho e seis por um de bens materiais. Como contrapartida aqueles jovens se comprometiam a fazer todo o possível no estudo, no trabalho, na oração e no exercício da pobreza; a fazer tudo e só para a glória de Deus; e no futuro a trabalhar um dia para a obra da boa imprensa⁵⁴.

Na oração é expressa uma “pobreza negativa”, que diz respeito à pessoa humana, isto é, a insuficiência no espírito, na ciência, no apostolado e na pobreza. Por outro lado, se reconhece a necessidade de entrar na dinâmica de uma “pobreza positiva”, aquela que leva à humildade, ao reconhecimento dos próprios limites e a confessar que todas as graças e também os frutos do apostolado vêm da fidelidade a Jesus e à sua Palavra.

Os tempos mudaram da época em que foi composta a oração do *Segredo de êxito*. O campo da comunicação se transformou, especialmente com a chegada das tecnologias digitais. As questões concretas do mundo tornam-se sempre mais complexas (em nível eclesial, social, político, cultural, ecológico etc.). Torna-se sempre mais urgente a necessidade de adaptar a linguagem a cada interlocutor. Torna-se insistente também o desafio de não perder a dimensão da pastoralidade, da universalidade e da profecia do apostolado e a importância de um trabalho sempre mais estreito com os colaboradores leigos. E, em meio a tantas exigências, logicamente continuamos, como Paulinos, a sentir-nos “insuficientes” em tudo.

Tal tomada de consciência requer uma preparação contínua para cumprir os compromissos, especialmente na área formativa e na apostólica. Nesta perspectiva, também para o estudo – no sentido de “estudiosidade” como herdamos do Fundador – requer-se a “pobreza”, isto é, a humildade de reconhecer que sempre temos algo a aprender. Podemos dizer o mesmo na busca contínua da santidade, que tem necessidade da humildade para se deixar guiar pelo Espírito de Jesus a fim de responder aos desafios da nossa missão, hoje.

À luz do *Pacto*, temos consciência de que «*nós podemos falhar, com a nossa inconstância e fraqueza na fé, mas Deus não: Ele não falha nunca*»⁵⁵. Neste caminho de confiança, somos, portanto, chamados a viver a pobreza que brota do Evangelho e que ilumina a “pobreza paulina” com suas cinco funções (renuncia, produz, conserva, provê e edifica), ações decisivas para o incremento do nosso apostolado na cultura da comunicação.

⁵³ Cfr. Raffaele Tonni, *La povertà di Cristo*, op.cit.

⁵⁴ Cfr. Giuseppe Barbero, *Il Sacerdote Giacomo Alberione. Un uomo - un'idea*, Roma, Società San Paolo, 1987, p. 296.

⁵⁵ Giacomo Alberione, *Per un rinnovamento spirituale*, Cinisello Balsamo (Milano), Edizioni San Paolo, 2006, p. 45.

.....

Caríssimos irmãos, a pobreza é um “valor” que faz parte da identidade do “Paulino homem de comunicação”. Como dissemos, o exercício da pobreza, que supõe um “esvaziamento”, é um caminho imprescindível para desenvolver a missão paulina que, entre outras coisas, supõe uma vida de comunhão, a valorização do trabalho e a abertura às necessidades concretas do povo, e especialmente dos pobres.

A pobreza, todavia, tem sentido enquanto a vivemos, nos passos do Apóstolo Paulo, como seguimento de Jesus. A este respeito, são oportunas as palavras do Papa Francisco: «*Em suma, basta-nos Jesus ou procuramos as segurancas do mundo? Pecamos a graça de saber deixar por amor do Senhor: deixar riquezas, deixar sonhos de funções e poderes, deixar estruturas já inadequadas para o anúncio do Evangelho, os pesos que travam a missão, os laços que nos ligam ao mundo. Sem um salto em frente no amor, a nossa vida e a nossa Igreja adoecem de “autocomplacência egocêntrica” (Evangelii gaudium, 95): procura-se a alegria em qualquer brazer passageiro, fechamo-nos numa tagarelice estéril, acomodamo-nos na monotonia duma vida cristã sem ardor, onde um pouco de narcisismo cobre a tristeza de permanecermos inacabados*»⁵⁶.

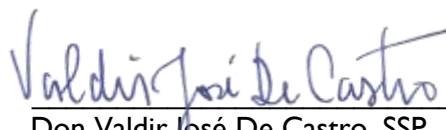
Antes de concluir, permito-me fazer algumas perguntas como propostas para uma reflexão sobre a pobreza, entre tantas outras que podem nascer do coração de cada um: o que significa a pobreza vivida por Jesus, por São Paulo e pelo Bem-aventurado Alberione? Que relação há, concretamente, na nossa vida, entre a pobreza e a santidade, o estudo e o apostolado? Qual é o nível da nossa sensibilidade a respeito dos nossos destinatários e interlocutores, especialmente os pobres? O que fazemos de concreto? Como são as nossas relações humanas nas nossas comunidades e no apostolado, e o que significa a pobreza nesses âmbitos? Em que a pobreza pode ajudar-nos no trabalho apostólico e a nos deslanchar em novas iniciativas?

Em conclusão, a “pobreza” seja para todos nós um verdadeiro caminho de aproximação a Deus, aos irmãos e ao povo de Deus, que somos chamados a servir. Ela nos ajude a abrir o coração para fazer germinar sonhos, suscitar profecias, fazer florescer esperanças e entrelaçar relações. A vida de pobreza ajude-nos a ser uma “Congregação sinodal”, cujos membros caminham junto, buscando na escuta, na acolhida, no perdão e no diálogo anunciar o Evangelho com a própria vida e com os meios do nosso apostolado, na cultura da comunicação.

Dirigimo-nos, no final desta Carta, a Maria, Rainha dos Apóstolos. Ela, a “Serva do Senhor”, viveu em plenitude a pobreza e, profeticamente, no “Magnificat” reconheceu a ação de Deus na história a favor dos pobres: «*Derrubou os poderosos dos tronos, elevou os humildes*» (Lc 1,52). Maria nos acompanhe no seguimento de Jesus pobre, de modo que a nossa pobreza, vivida no estilo paulino, nos leve à liberdade, à fraternidade e ao serviço do povo de Deus com a comunicação e na comunicação.

Fraternalmente.

Roma, 26 de maio de 2019
VI Domingo da Páscoa


Don Valdir José De Castro, SSP
Superiore generale

⁵⁶ Papa Francisco, Homilia. Santa Missa e canonização dei Bem-aventurados: Paolo VI, Oscar Romero e outros, 14 outubro de 2018.